



**Instituto de Letras**

**Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas**

**Licenciatura em Letras/Português**

**Projeto de Curso em Linguística**

**FERNANDA DE CARVALHO VERAS**

**07/32371**

**A dislexia e a linguagem com foco na leitura e  
produção textual**

<b>MENÇÃO</b>	
---------------	--

**ROZANA REIGOTA NAVES**

**CÍNTIA SCHWANTES**

Brasília - DF

2º SEMESTRE/2012

**FERNANDA DE CARVALHO VERAS**

**A DISLEXIA E A LINGUAGEM COM FOCO NA LEITURA E  
PRODUÇÃO TEXTUAL**

Projeto de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves.

Coorientadora: Profa. Dra. Cíntia Schwantes.

**Brasília, fevereiro de 2013.**

Veras, Fernanda de Carvalho.

A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual. Fernanda de Carvalho Veras. – 2013.

Orientadora Rozana Reigota Naves.

Coorientadora: Cíntia Schwantes.

Projeto de curso (graduação) – Universidade de Brasília.

1. Psicolinguística. 2. Linguagem. 3. Aprendizagem.

## Resumo

O presente Projeto de Conclusão de Curso consiste em uma abordagem do distúrbio Dislexia e suas implicações na aquisição da linguagem escrita. No primeiro capítulo é feita uma análise mais clínica e específica, a fim de descrever os sintomas, diferenciar os subtipos e situar o leitor na problemática em questão. O segundo capítulo, mais relacionado à linguagem, explora estudos gerais, tanto nas manifestações orais, quanto escritas. Neste capítulo, a dislexia é associada à linguagem, enfatizando a dificuldade do disléxico em adquirir a linguagem escrita. Para encerrar, o último capítulo sugere intervenções e apresenta uma pequena pesquisa, comprovando o despreparo dos professores diante das dificuldades específicas de um aluno disléxico. O objetivo do trabalho é oferecer suporte aos professores e esclarecer possíveis dúvidas para lidar com o aprendizado e a correção de textos escritos por alunos que possuem dislexia.

Palavras-chave: linguagem, dislexia, transtorno, dificuldade, intervenção.

## **Abstract**

This project of research consists in an approach to Dyslexia e the difficulties itcauses in written language acquisition. In the first chapter a clinical and specificanalysis is done in order to describe the symptoms, sotr out the different kindsof dyslexia and introduce to the reader to the problem in question. The second chapter is more related to language, and explores general studies on thesubjects of oral manifestations of language, as well as written. In this chapter,dyslexia is relates to language, with emphasis in the dyslexic person'sdifficulties in learning how to write. Closing, the last chapter makes suggestionson possible interventions nad presentas a small field research which proves thelack of preparation of theachers in general while facing the difficulties of adyslexic student. The aim of the paper is to offer support to teachers and clarifypossible doubts in dealing with the apprenticeship and the correction of textswritten by dyslexic students.

Keywords: language, dyslexia, trouble, disorder, intervention.

## **Lista de Ilustrações e Tabela**

Figura: 1 – Comparação da ativação cortical durante a leitura .....	23
Figura: 2 – Representação das rotas de leitura e escrita .....	25
Figura: 3 – Escrita espontânea de uma menina com dislexia mista .....	27
Tabela 1 – Sintomas da Dislexia .....	14

## Sumário

1. Introdução .....	7
I. O que é a dislexia?.....	10
1.1. Dislexia, os primeiros relatos .....	10
1.2. Dislexia: Causas mais divulgadas.....	13
II. Relação entre dislexia e problemas relacionados à linguagem.....	18
2.1 Estudos da linguagem.....	18
2.2 A linguagem oral .....	19
2.3.4. Todos falam, mas nem todos leem .....	20
2.4 As rotas de leitura .....	24
2.5 Rotas de leitura x tipos de dislexia.....	26
III.A linguagem escrita e o ato de escrever .....	27
IV. Intervenções .....	33
4.1 O disléxico no contexto escolar.....	35
V. Pesquisa de Campo.....	38
Considerações finais .....	45
Referências .....	47

## 1. Introdução

O presente trabalho de conclusão do curso de Letras Português - Licenciatura, da Universidade de Brasília, tem por título “A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual”.

O objetivo central de pesquisar e dissertar sobre a problemática da “dislexia”, especialmente no contexto dos processos de ensino e de aprendizado, deve-se ao visível despreparo das escolas, dos professores e dos pais, que acaba afetando diretamente a vida escolar, a autoestima e principalmente a formação de um ser humano em seu papel social.

Como este trabalho está vinculado ao curso de Letras, o principal aspecto a ser abordado será a aquisição da escrita e a forma como os traços de dislexia podem afetar o processo de produção textual. Este também é um trabalho voltado para os professores, visando investigar as incorreções textuais presentes na produção dos alunos e ligá-las ou não à dislexia.

Durante o levantamento bibliográfico foi constatada a carência de estudos científicos no Brasil sobre o assunto dislexia. A maioria dos materiais consultados são traduções de livros, artigos, periódicos ou *sites*.

Não foi necessário nenhum estudo aprofundado para notar que a dislexia é rodeada de mitos e que os parâmetros utilizados para descrevê-la, vêm, em grande parte, do senso comum. Se os conceitos difundidos não são verídicos, as medidas para contorná-la não são confiáveis. Tal fato faz com que o trabalho especial oferecido nas salas de aula nem sempre seja realmente eficaz.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para reverter este quadro, valorizando a importância de se conhecer melhor este distúrbio de aprendizagem, descrevendo-o e propondo técnicas e métodos para melhor abordá-lo.



Não há como compreender as manifestações disléxicas em um texto sem antes conhecer os motivos causadores da dislexia, a forma como ela se manifesta no cérebro, quais as consequências dessa manifestação durante a leitura e como, finalmente, ela reflete na escrita.

Para alcançar a proposta do trabalho, peço licença para transitar em áreas de estudo alheias à Linguística, como a Neurologia, a Psicologia, a Fonoaudiologia, a Pedagogia, entre outras, não deixando também de mencionar o valor humanitário do educador enquanto fator fundamental para o sucesso de uma pessoa em formação.

O meu objetivo, como professora e também pesquisadora, é, além de desenvolver um trabalho justo e eficiente dentro das minhas salas de aula, oferecer suporte aos meus colegas, que na maioria dos casos, não foram devidamente instruídos sobre a diversidade intelectual do nosso público-alvo.

Além da dislexia, existem diversos outros distúrbios que certamente aparecerão no contexto escolar. Os mais comuns são os déficits de Atenção, seguidos ou não de hiperatividade, a discalculia, disgrafia, dislalia e disortografia.

Hoje, no currículo regular dos cursos de Licenciatura, de maneira geral, tais distúrbios não são abordados, portanto, é fundamental que haja uma reforma curricular a fim de suprir essa deficiência real dos cursos, que acaba afetando diretamente a formação dos professores e conseqüentemente, a formação dos seus alunos.

Para concretizar a minha pesquisa, desenvolvi um questionário semiestruturado, com questões direcionadas a professores de Língua Portuguesa, as quais visam avaliar o grau de proficiência desses profissionais em relação a conhecimentos sobre a dislexia e suas consequências no contexto escolar.

O questionário possui oito questões simples, que abordam os sintomas; o apoio ou condenação dos pais diante do diagnóstico de dislexia; as adaptações pedagógicas que deveriam ocorrer para auxiliar os alunos disléxicos; as adaptações que, de fato, ocorrem; a correção textual; a avaliação

formal, as medidas quanto a aprovação/reprovação de alunos que possuem o distúrbio e, por fim, o julgamento dos professores quanto a estarem aptos a lidar com esse problema.

Tal questionário foi aplicado em escolas aleatórias, tanto da rede particular quanto pública. A intenção é analisar as divergências na qualidade de ensino, a fim de que se encontre um caminho para que escolas incentivem um melhor aproveitamento dos disléxicos, respeitando suas limitações.

Atualmente, em Brasília, estão sendo oferecidos minicursos gratuitos para auxiliar os professores a entender e lidar com esses problemas tão frequentes. Aproveitei o momento de aplicação dos questionários para divulgar esse trabalho, consciente de que tais informações são fundamentais para a formação de educadores.

Além do questionário semiestruturado, houve também a coleta de dados nos próprios textos de alunos disléxicos, os quais serão cuidadosamente trabalhados para apontar as principais manifestações práticas da dislexia.

A dislexia é o distúrbio de aprendizagem mais divulgado e citado atualmente. Embora a maioria das pessoas já tenha ouvido falar, muitas são as confusões que acompanham tal distúrbio. De maneira objetiva e esclarecedora, este trabalho busca desvendar e auxiliar pais e professores a entender de maneira definitiva as características reais e os tratamentos efetivos para amenizar ou até mesmo neutralizar os sintomas da dislexia aplicados à leitura / escrita.

Salienta-se que, embora o objetivo final seja ganancioso para a proporção do trabalho, este é apenas um primeiro passo, resta agora esperar que a leitura desta pesquisa sirva para a conscientização dos meus leitores e que muitos outros passos orientem o caminho do acesso à leitura e à comunicação escrita, sem restrições e exclusões.

## I. O que é a dislexia?

O termo “dislexia” possui origem grega, dis – ‘dificuldade’ e lexia – ‘linguagem’, ou seja, a dislexia é uma dificuldade na aquisição da linguagem, mais especificamente, da linguagem escrita. Porém, evidentemente, o distúrbio é complexo e necessita de muitas outras definições para que seja considerado realmente definido.

A grande dificuldade em definir a dislexia está diretamente vinculada ao entendimento do ser humano: de quem somos; do que é memória, pensamento e linguagem; de como aprendemos e de porque podemos encontrar facilidades consideradas geniais, mescladas de dificuldades básicas em nosso processo individual de aprendizado.

A dificuldade de conhecimento e de definição do que é dislexia, faz com que se tenha criado um mundo tão diversificado de informações, que confunde e até mesmo desinforma. A dislexia, de maneira geral, aparece rodeada de informações falsas, taxativas e simplistas. Portanto, seu estudo deve ser cauteloso para que não se caia no senso-comum e, por consequência, não se confundam os seus sintomas.

A dislexia é causa ainda ignorada de evasão escolar em nosso país e uma das causas do chamado "analfabetismo funcional", que, por permanecer envolta no desconhecimento, na desinformação ou na informação imprecisa, não é considerada como desencadeante de insucessos no aprendizado.

### 1.1. Dislexia, os primeiros relatos

Os primeiros relatos de investigação formal a respeito do tema são datados do século XIX e somente em 1872, o Dr. Rudolph Berlin utilizou pela primeira vez o termo dislexia.

Em 1896 Pringle Morgan publicou no *Britian Medical Journal* o caso de um garoto que, embora tivesse sido avaliado com inteligência normal, tinha

incapacidade para ler. Tal situação peculiar foi denominada “cegueira verbal”. Um pouco mais à frente, em 1907, Stevenson manteve essa terminologia ao relatar um estudo feito em uma família que continha seis casos de “cegueira verbal”, associando o problema a fatores genéticos.

A expressão dislexia ressurgiu em 1917, com James Hinshelwood, um renomado oftalmologista escocês, que observou distorções perceptivas em crianças que não conseguiam reconhecer ou compreender palavras impressas. Hinshelwood concluiu que a causa mais provável desse grave distúrbio de leitura era um defeito congênito no cérebro, afetando a memória visual de palavras e letras.

O auxílio dos oftalmologistas foi fundamental para perceber que a dislexia não era um problema visual, e sim neurológico, eliminando assim várias teorias anteriores.

Atualmente, os mais abrangentes e sérios estudos a respeito desse assunto registram 20% da população americana como disléxica, com a observação adicional: "existem muitos disléxicos ainda não diagnosticados". Para sublinhar, de cada 10 alunos em sala de aula, dois são disléxicos, com algum grau significativo de dificuldades. Graus leves, embora importantes, não costumam sequer ser considerados.

Assim como vários outros distúrbios de aprendizagem, a dislexia acontece em diversos níveis. Neste trabalho, a visão adotada é a da psicopedagogia, na qual aparecem basicamente três tipos:

- a) Dislexia Congênita ou Inata:** é a dislexia que nasce com o indivíduo. Pode ocorrer por uma alteração hemisférica cerebral gerada por alteração de alguns cromossomos. Em consequência dessas alterações, o indivíduo disléxico possui pouca ou nenhuma habilidade para a aquisição da leitura e de escrita e, geralmente, não chega a ser alfabetizado. Quando a alfabetização ocorre, o disléxico inato não consegue ler e escrever por muito tempo e, por ser demasiadamente cansativa, a leitura não se fixa na memória. Além disso, disléxicos inatos não possuem o mecanismo de autocorreção, ou seja, se ele

escreveu “trabaló”, quando solicitado a ler, o fará “trabalho”, sem notar a diferença entre o primeiro e o segundo.

Esse tipo de dislexia é irreversível, nem mesmo terapias genéticas conseguem curá-la, podendo ser controlada e bem direcionada com tratamento multidisciplinar, envolvendo psicopedagogo, neurologista, psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo e psicomotricista, dependendo da necessidade de cada caso.

- b) Dislexia Adquirida:** é a dislexia que vem por meio de um acidente qualquer, por exemplo, anoxia (diminuição ou ausência de oxigenação no cérebro).

O indivíduo que antes lia e escrevia normalmente passa a apresentar dislexia, geralmente com falhas de memória e muita dificuldade em ler e escrever. O tratamento deverá ser decidido após analisar-se todo o histórico do paciente e do acidente que lhe deixou essa sequela.

- c) Dislexia Ocasional:** é a dislexia causada por fatores externos e que aparece ocasionalmente. Pode ser causada por estresse, excesso de atividades, TPM e hipertensão.

Neste caso, o que deve ser tratado não é a dislexia e sim o motivo que a causa. Apenas repouso, férias, mudança de horários e/ou da rotina são suficientes para extinguir o problema.

Além dos três tipos citados, existem variações dentro de cada caso, tornando cada disléxico único e não admitindo generalizações.

Por fim, é preciso parar definitivamente de imaginar que a dislexia apenas faça trocar letras (p/b, t/d, etc.). O que realmente ocorre é que o disléxico, na maioria dos casos, não identifica sinais gráficos, sejam eles letras ou qualquer outro código que componha um texto. A dislexia não se restringe à troca de letras, é algo muito mais complexo que isso.

## **1.2. Dislexia: Causas mais divulgadas**

No caso da dislexia inata, ou seja, quando o indivíduo já nasce com o distúrbio, a causa para esse problema é uma alteração genética, que atinge os cromossomos 6 e 15. A dislexia caracteriza-se como distúrbio, podendo ser causada por células fora do lugar, células com funções diferentes ou má-formação no arranjo dos neurônios.

Tal alteração gera uma má formação cerebral, que afeta diversos pontos, gerando não apenas a dificuldade de leitura e escrita, mas uma série de problemas práticos que vão aparecer inúmeras vezes na vida do disléxico.

A dislexia não afeta a capacidade de raciocínio e tampouco a inteligência de uma pessoa. É importante ressaltar que, tanto o setor responsável pela memória de longo prazo, quanto o de memória emocional permanecem intactos, porém, para atingir estes setores, é necessário que a informação passe pela memória de curto prazo, que é diretamente afetada pelo distúrbio, ou seja, há grandes chances de que a informação se perca antes de atingir seu objetivo final.

No caso da dislexia inata, o problema se inicia quando as células-tronco que deveriam ter sido direcionadas para a formação de células gliais, responsáveis pela troca de informações entre os hemisférios do cérebro, vão parar no hemisfério esquerdo, ligado à linguagem.

Esse excesso de células é prejudicial, já que compromete a troca de estímulos entre os neurônios (rota neural), que estão muito próximos uns dos outros, perdendo, em parte, suas funções.

.No caso da dislexia adquirida, fatores orgânicos são os grandes responsáveis pelo surgimento do problema. Uma das causas mais comuns é a anoxia, ou seja, a falta de oxigenação no cérebro. A anoxia ocorre mais frequentemente durante o parto, mas também pode ocorrer ao longo da infância ou até mesmo na fase adulta, devido a afogamentos e outros acidentes que comprometem a respiração. Além da anoxia, derrames e

traumas cranianos também são fatores que podem deixar como seqüela as dificuldades de aprendizagem.

A seguir, apresento a Tabela de Sintomas extraída do *site* da Associação Brasileira de Dislexia, ressaltando que não é necessária a incidência de todos os sintomas listados para caracterizar o distúrbio, independente da fase.

**Tabela 1 – Sintomas da Dislexia**

Na primeira infância:

- atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar;
- atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbúcio à pronúncia de palavras;
- dificuldade aparente para a criança entender o que está ouvindo;
- distúrbios do sono;
- enurese noturna;
- suscetibilidade à alergias e à infecções;
- tendência a hiper ou a hipo-atividade motora;
- choro recorrente e aparente inquietação ou agitação;
- dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

---

A partir dos sete anos de idade:

- extrema lentidão ao fazer os deveres ou ocorrência de muitos erros nas tarefas pelo fato de terem sido feitas rapidamente;
- pobre compreensão do texto ou falta de leitura do que escreve;
- inadequação da fluência em leitura para a idade;
- invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever;

- preferência por leitura silenciosa;
- letra mal grafada e, até, ininteligível; borrões ou ligação entre as palavras;
- omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e da direção de letras e sílabas;
- esquecimento daquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas;
- maior facilidade, capacidade de bem transmitir o que sabe através de exames orais;
- grande imaginação e criatividade;
- capacidade de desligar-se facilmente de qualquer contexto;
- falta de concentração da atenção em um só estímulo;
- baixa autoimagem e autoestima; em geral, não gosta de ir à escola;
- esquiva de ler, especialmente em voz alta;
- dificuldade para lidar com as noções de espaço e tempo; sempre perde e esquece seus pertences;
- mudanças bruscas de humor;
- impulsividade e interrupção dos demais para falar;
- timidez, sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;
- confusão entre direita e esquerda, em cima e em baixo; na frente e atrás;
- lateralidade cruzada; muitos são canhestros e outros ambidestros;
- dificuldade para ler as horas, para sequências como dia, mês e estação do ano;
- boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo;
- pensamento por meio de imagem e sentimento, não com o som de palavras;
- extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;
- tolerância muito alta ou muito baixa à dor;



- muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;
- dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos;
- dificuldade extrema para manter o equilíbrio e fazer exercícios físicos;
- intolerância a muito barulho, o disléxico se sente confuso- desliga-se e age como se estivesse distraído nesse contexto

Fonte: [www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br), acesso em novembro de 2012, com adaptações.

Os sintomas podem ser agrupados de acordo com sua intensidade:

- Singular/primária: apresenta desde a primeira infância um certo atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem e/ou no desenvolvimento visual. Dificuldade de aprender canções, versinhos e pequenas histórias ou imediato esquecimento após ouvi-los. Problemas com coordenação motora. Durante a alfabetização, pode apresentar problemas e dificuldades em leitura e soletração, não reconhecendo letras e números. Tais sintomas podem caracterizar qualquer tipo de dislexia.
- Comum/correlata: problemas nos processos de linguagem (articulação, memória verbal a curto e longo prazos). Confusão entre direito e esquerdo (lateralidade). Também pode caracterizar qualquer tipo de dislexia.
- Específica/secundária: baixo desempenho em compreensão na leitura, baixa ou ausência de alfabetização, não identificação de letras, diferença no movimento dos olhos durante a leitura ou tentativa de leitura. Geralmente caracteriza a dislexia congênita ou inata.
- Relativa/artificial: Problemas com a atenção e problemas visório-espaciais. É mais comum na dislexia ocasional ou em outros distúrbios.

Crianças disléxicas apresentam combinações de sintomas, em intensidade de níveis que variam entre o sutil ao severo, de modo absolutamente pessoal. Em algumas delas há um número maior de sintomas e sinais; em outras, são observadas somente algumas características.

Quando os sinais só aparecem enquanto a criança é pequena, ou se alguns desses sintomas somente se mostram algumas vezes, isto não significa que possam estar associados à Dislexia.

Há crianças que só conquistam uma maturação neurológica mais lentamente e que, por isto, somente têm um quadro mais satisfatório de evolução, também em seu processo pessoal de aprendizado, mais tardiamente do que a média de crianças de sua idade.

A dislexia, apesar de apresentar alguns sintomas comuns ao desenvolvimento tardio e/ou alguns outros distúrbios neurológicos, pode ser facilmente detectada com exames neurológicos, indicados para crianças a partir de cinco anos e meio, idade ideal para o início de um programa remediativo, que pode trazer as respostas mais favoráveis para superar ou minimizar essa dificuldade.

## **II. Relação entre dislexia e problemas relacionados à linguagem**

No primeiro capítulo a dislexia foi teoricamente explorada sob a visão médica, num contexto histórico e científico. Nesta parte do trabalho, a dislexia aparece como fator preponderante para desencadear uma série de dificuldades relacionadas à linguagem e à aprendizagem da linguagem, primeiramente por meio da fala, depois da leitura e posteriormente, da escrita.

### **2.1 Estudos da linguagem**

Existem inúmeras definições para o termo “linguagem”, construídas pelos mais diversos pontos de vista. Para Critchley (1975) “linguagem é a expressão e a recepção de ideias e sentimentos”. Já Pedroso & Rotta (2006) entendem que “linguagem é a forma peculiar que o homem tem de se comunicar com seus semelhantes por meio de símbolos gestuais, orais ou escritos”.

Piaget (1962) defende que a linguagem é a função mais especializada e diferenciada de uma função complexa e, de forma semelhante, Vygotsky (1998) complementa que linguagem é o mais elaborado sistema de signos presente na cultura humana.

Independentemente de se escolher uma ou mais definições adequadas para linguagem, pode-se dizer que o assunto não é preocupação exclusiva dos linguistas, sendo esse um assunto frequentemente abordado por neurologistas, fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos, filósofos, antropólogos e outros, tratando assim de um assunto multidisciplinar.

Os estudos sobre transtornos da linguagem, desenvolvidos por Pedroso & Rotta (2006), alertam sobre a alta frequência de distúrbios, mostrados a partir de dados obtidos em suas pesquisas. Segundo os autores, tais transtornos são distúrbios comuns na infância, com média de 5% das crianças recém-entradas na escola, incidindo em 2 a 4 meninos para cada menina.

Conforme definições de Mauro Muszkat e Sueli Rizzutti (2012), o processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes:

1. Pragmático: refere-se ao uso comunicativo da linguagem num contexto social.
2. Fonológico: envolve a percepção e a formação de sons para formar palavras.
3. Semântico: atribui significado às palavras.
4. Gramatical e morfológico: compreende as regras sintáticas a fim de combinar palavras em frases compreensíveis.

Os sistemas fonológico e gramatical conferem forma à linguagem, enquanto o pragmático descreve o modo como ela deve ser adaptada conforme a situação social.

## **2.2 A linguagem oral**

Fala e linguagem são objetos diferentes. A fala se refere basicamente à forma de articular sons nas palavras. A linguagem significa expressar e receber informações de modo significativo. É compreender e ser compreendido por meio da comunicação.

Uma criança com problemas de linguagem pode estar apta a pronunciar bem as palavras, mas ser incapaz de colocar mais de duas palavras juntas. Inversamente, a fala de uma outra criança pode ser difícil de ser compreendida, mas ela usa palavras e frases para expressar suas ideias. Problemas com fala e linguagem diferem, mas frequentemente coincidem.

A fala é uma característica intrínseca do ser humano, faz parte de nossa herança biológica e nos diferencia de outras espécies. Independentemente da comunidade, ou de quão isolada ela se encontra, é natural que se desenvolva

linguagem oral pelos membros que a compõe, apenas por conviver com outros falantes, sem a necessidade de um ensino formal.

A dislexia, de maneira geral, não afeta a capacidade de um indivíduo em adquirir a linguagem oral, porém, na maioria dos casos, retarda essa aquisição. O dislético possui toda a cognição preservada para o desenvolvimento da oralidade, entretanto, em muitos casos, a dislexia pode vir acompanhada de outro(s) distúrbio(s) que a prejudicam, como por exemplo, a dislalia.

### **2.34. Todos falam, mas nem todos leem**

Segundo os linguistas Noam Chomsky e Steven Pinker, do *Massachusetts Institut of Technology*, a linguagem falada (verbal) é inata, instintiva. A linguagem não precisa ser ensinada, tudo que é necessário é que os seres humanos ouçam sua língua materna, fazendo da aquisição um fenômeno natural, sem esforço.

Toda sociedade humana tem uma linguagem verbal, e o homem é a única espécie que se comunica pela fala (embora haja muitas outras espécies que se comuniquem pelo uso de sinais, grunhidos, gritos, choques elétricos, odores, assobios).

Os sistemas de comunicação dos animais são limitados, e os sinais, fixos, não há possibilidade de novidade ou de variações indefinidas. Ao contrário, a linguagem humana é ilimitada, é gerativa. Usando os fonemas, podemos criar um número indefinido de palavras, e com essas palavras, um número infinito de ideias.

Nossos pulmões inspiram e expiram ar naturalmente, nossos ventrículos contraem-se ritmicamente sem nenhum esforço e da mesma forma, nosso cérebro permite que falemos e escutemos sem nenhum pensamento consciente.

A facilidade e fluidez da linguagem relacionam-se com o porquê de a leitura ser algo tão difícil para as crianças disléxicas. Embora tanto a fala

quanto a leitura dependam da mesma partícula, o fonema, há uma diferença fundamental: falar é natural, ler não é.

Ler é algo que se aprende, uma invenção do homem que se desenvolve em nível consciente. Embora a leitura também dependa do código fonológico, a chave para desvendá-la não se encontra prontamente disponível, e só pode ser alcançada por meio do esforço do leitor aprendiz.

A leitura não se encontra em nossos genes, não existe um módulo de leitura conectado ao cérebro humano, ou seja, para ler, o homem teve que se adaptar e aproveitar-se do módulo biológico responsável pela fala.

Para que a palavra impressa ganhe acesso ao módulo da linguagem, o leitor deve converter o que lê em um código linguístico já conhecido por ele, ou seja, o código fonético. Se o leitor em potencial não souber converter os caracteres impressos em código fonético, as letras continuam sendo um amontoado de linhas e círculos totalmente desprovidos de significado.

Aprender a ler é se tornar capaz de converter uma gama de símbolos sem significado em fonemas aceitos por um poderoso código linguístico. A primeira descoberta que uma criança faz quando está aprendendo a ler é que as palavras escritas são compostas por partes e podem ser divididas em pedaços menores de som, com isso, a criança adquire a consciência fonêmica.

A partir do momento em que a criança se conscientiza da natureza segmentada da linguagem verbal, ela necessita reconhecer as letras, atribuir a elas um som e juntá-las para formar uma palavra. Para realizar a leitura, é necessária a ativação de três áreas cerebrais:

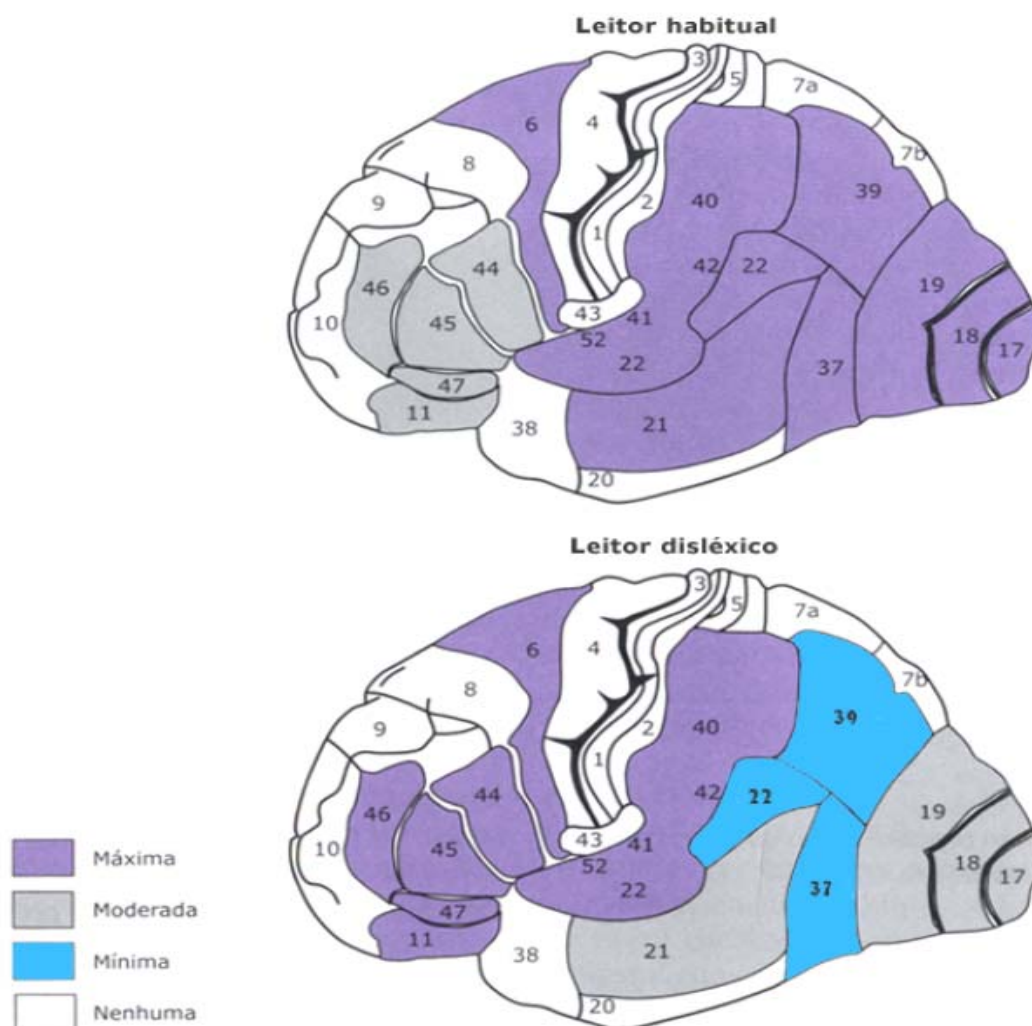
- Área de Broca: responsável por reconhecer um estímulo visual, ou seja, o grafema.
- Área de Wernicke: atribui um som ao estímulo visual, ou seja, associa o grafema a um fonema.
- Córtex Sensorial: atribui sentido à palavra lida.

A maioria das crianças aprende a transformar símbolos impressos em código fonético sem muita dificuldade. Para as demais, contudo, os símbolos escritos permanecem um mistério, o que caracteriza a dislexia.

No caso dos disléxicos, há deficiência em uma, duas ou até mesmo nas três áreas citadas acima, dependendo do grau de dislexia em questão. Essas deficiências fazem com que o cérebro improvise novos setores para compensar o problema, porém, os setores criados não são automáticos como os de uma pessoa normal. Por não serem automáticos, a rota de leitura se torna maior, mais lenta e mais cansativa para o disléxico, justificando assim sua grande dificuldade perante o simples ato de ler.

Na figura a seguir, Rotta & Pedroso (2006) ilustram as diferenças de ativação cerebral durante a leitura em leitores comuns e leitores disléxicos.

**Figura: 1 – Comparação da ativação cortical durante a leitura**



(ROTTA & PEDROSO, 2006, p. 158)

Em um cérebro normal, durante sua formação, são criadas cinco camadas de células gliais, que envolvem os hemisférios cerebrais. Tais células são responsáveis pelo transporte de informações dentro de todos os setores do cérebro. A alteração genética dos disléxicos faz com que no momento da formação cerebral, algumas células tronco sejam deslocadas e “errem” de caminho, formando apenas três camadas de células gliais. Esse déficit prejudica, entre outros setores, a memória de curto prazo, fazendo com que os disléxicos sintam uma enorme dificuldade de guardar informações.

As células-tronco que deveriam ter sido direcionadas para a formação de células gliais, no caso dos disléxicos, vão parar no hemisfério esquerdo do



cérebro, responsável pela linguagem. Tal excesso faz com que os neurônios fiquem muito próximos, causando displasias cerebrais, que dificultam a troca de informação entre neurônios.

Para realização da leitura, são utilizados três neurotransmissores: a noradrenalina, a serotonina e a dopamina. Cada neurotransmissor é captado por um axônio específico do neurônio.

Para o disléxico, ler é um desafio, e dependendo do contexto em que lhe é exigida a leitura, é comum que a insegurança e a ansiedade sejam favoráveis para que seja lançado na corrente sanguínea um quarto neurotransmissor, a adrenalina. A adrenalina é captada pelo mesmo sensor responsável pela captação da noradrenalina, ou seja, elas competem entre si, prejudicando ainda mais a realização da rota de leitura.

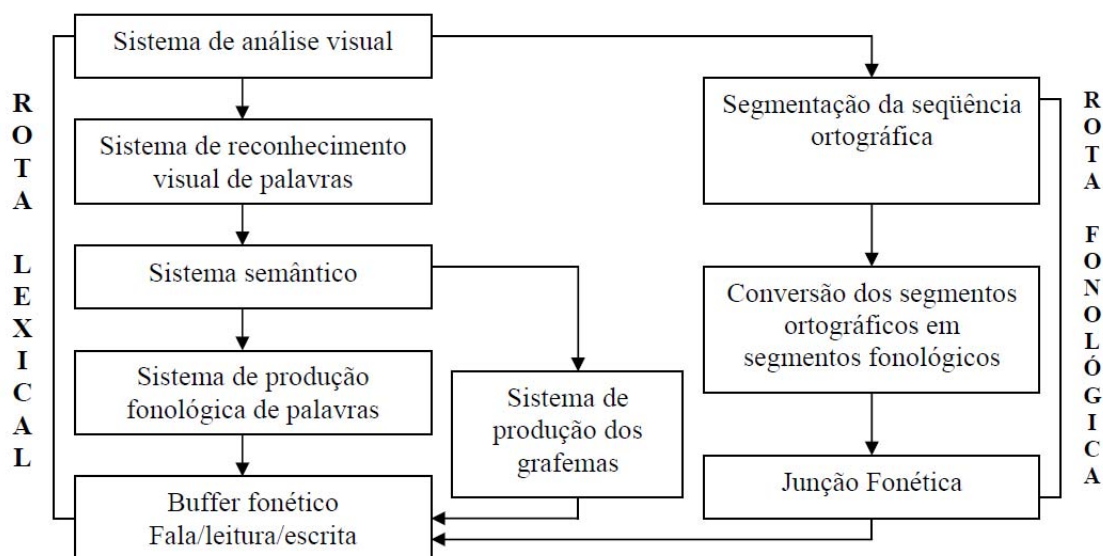
Resumindo, para o disléxico nato existem barreiras anatômicas, químicas e biológicas que justificam uma dificuldade acentuada para a aquisição da leitura, o que obviamente se reflete nas suas manifestações escritas. Porém, como a inteligência e a capacidade de raciocínio são preservadas, tais barreiras não impedem que nenhuma habilidade seja aprendida, necessitando apenas de um trabalho específico para driblar os sintomas e atenuar as dificuldades do disléxico congênito.

É importante que o professor e os pais saibam proteger a criança de exposições relacionadas à leitura. A leitura em voz alta deve ser evitada em sala de aula, pois pode ser fator preponderante para que os disléxicos se tornem vítimas de piadas ou *bullying*. Em voz alta, a leitura somente deve ser realizada em locais considerados seguros, com a supervisão de pessoas de confiança para o leitor aprendiz.

## **2.4 As rotas de leitura**

Segundo Whitaker & Pinto (2001) existem duas rotas de leitura, que podem ser esquematizadas na figura a seguir.

**Figura 2 – Representação das rotas de leitura e escrita**



(WHITAKER & PINTO, 2001, p. 22)

No modelo, podem-se visualizar as duas rotas de leitura:

1. Rota lexical ou léxico semântica: utilizada para lermos palavras familiares, que armazenamos na memória ou sistema de análise visual.

A rota lexical de leitura, ou seja, a que capta a palavra já memorizada como um ideograma, como um todo, é frequentemente utilizada por leitores experientes. Não é necessário, para um leitor normal, interpretar grafema por grafema de uma palavra curta e tão conhecida como “casa”. No entanto, para o disléxico é diferente. Ler não é um processo rápido e muito menos automático, independentemente da frequência com que a palavra apareça, já que a memória nem sempre salva este tipo de informação.

2. Rota fonológica ou sublexical: utilizada por palavras pouco frequentes ou palavras não existentes, como “OPTI”, “OTPI”, “IPTO”. Para a leitura desse tipo de palavras, ocorre a segmentação da sequência grafêmica, que se reduz a unidades

menores (grafemas e morfemas) associados aos seus respectivos sons, fazemos a junção fonética e articulamos a palavra. A partir do momento em que uma palavra até então desconhecida passa a ser utilizada com frequência, a tendência é que a rota utilizada passe a ser a lexical.

De maneira geral, as duas rotas sempre são utilizadas por todos os indivíduos, e se alternam com frequência, de maneira inconsciente. Em crianças em fase de alfabetização e no caso de pessoas disléxicas é fundamental que se identifique a rota preferencial de leitura, pois assim será possível determinar atividades perceptivas e cognitivas para estimulá-las a fazer o uso dos dois processos.

Ainda de acordo com as observações de Whitaker & Pinto (2001,p.22), “para estimular o processo fonológico precisamos desenvolver a consciência fonológica, através de atividades em que a percepção e memória auditiva sejam trabalhadas” enquanto “para estimular o processo léxico-semântico precisamos trabalhar a percepção e memória visual, além de atividades cognitivas para o enriquecimento da linguagem como um todo”.

## **2.5 Rotas de leitura x tipos de dislexia**

Conhecendo as rotas de leitura, é mais fácil compreender a classificação de Boder (1973) sobre os tipos de dislexia:

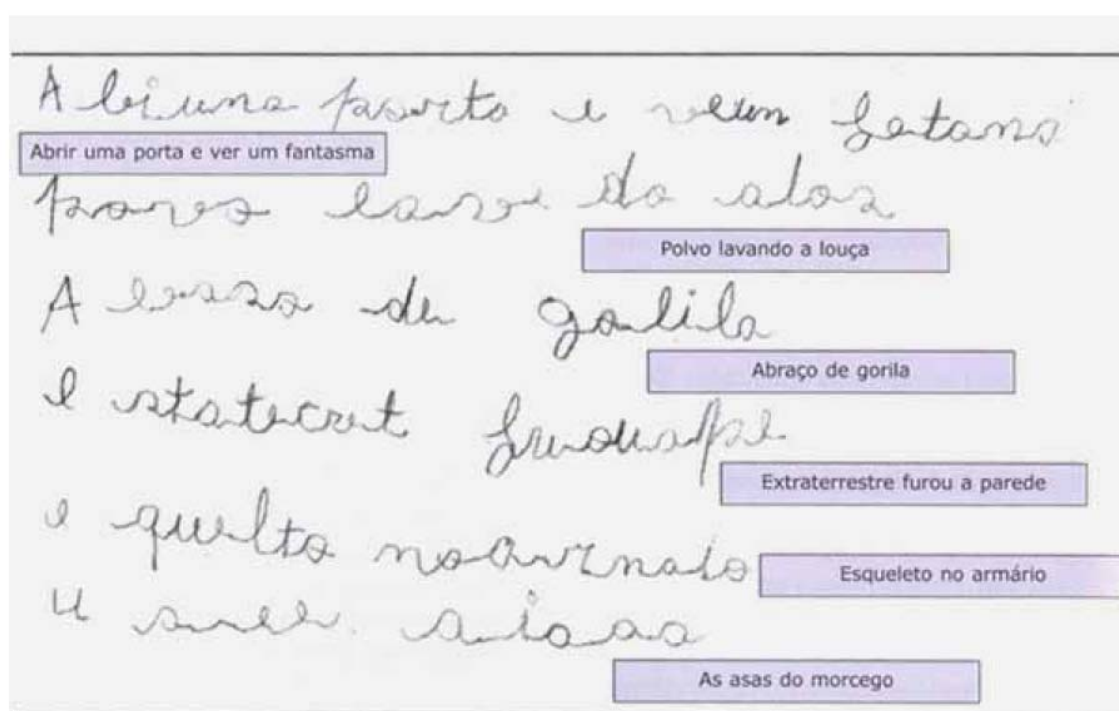
- Dislexia Fonológica (sublexical ou disfonética) – Ocorre devido à dificuldade para utilizar a rota fonológica durante a leitura. Para esse tipo de disléxico, é difícil realizar a leitura de palavras não familiares ou não palavras. Além disso, o disléxico fonológico apresenta dificuldades em tarefas de memória e consciência fonológica, o que acarreta num grande esforço para reconhecer as palavras, repetindo o som para não perdê-los definitivamente.
- Dislexia Lexical ( de superfície) – Ocorre devido a dificuldade de utilizar a rota lexical, afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Neste caso, é comum uma leitura mais lenta e com

frequentes erros, pois ela fica dependente da rota fonológica. Sob pressão, os disléxicos cometem silabações, repetições e comumente acentuam indevidamente as sílabas tônicas.

- Dislexia Mista - É o problema mais grave e exige um esforço ainda maior para estimular ambas as vias, já que a dificuldade ocorre nas duas rotas.

A figura abaixo, publicada em um estudo de caso realizado por Moojen & França (2006) ilustra a escrita espontânea de uma menina diagnosticada com transtorno grave da leitura e escrita (dislexia) do tipo misto:

**Figura 3 – Escrita espontânea de uma menina diagnosticada com dislexia mista**



(MOOJEN, 2006, p. 276)

### III.A linguagem escrita e o ato de escrever

A criação da linguagem escrita pode ser vista como o marco mais significativo na transição do homem entre a barbárie e o estado civilizado. A escrita foi criada com a intenção de registrar a fala, perpetuando-a através das

barreiras do tempo e do espaço, transcendendo a memória e a finitude humanas.

Ao contrário da linguagem oral, o ato de escrever não é inato ao ser humano, ele é transmitido culturalmente ao longo dos tempos, e apesar de aparecer desde a época pré-histórica, pode ser considerado recente, dada a existência da espécie humana.

Ao contrário da oralidade, nem todos os povos desenvolveram a escrita. No Brasil, por exemplo, antes da chegada dos portugueses, apesar da rica cultura e da diversidade linguística, os índios não dominavam a escrita, transmitindo seus costumes e mitos e relatos oralmente, de geração para geração.

De acordo com Ellis (1995) a escrita pode ser dividida em três categorias:

- Escrita Pictorial ou Ideográfica- primeiros registros feitos na época pré-histórica. Utilizavam figuras para transmitir informações, por exemplo, um círculo poderia significar um sol ou algo relacionado a ele, como o dia, calor, ou até mesmo um deus sol. Atualmente, a linguagem ideográfica é utilizada em símbolos matemáticos, sinais de trânsito, entre outros.
- Escrita logográfica- surgiu por volta de 4000 e 3000 a.C. Foi desenvolvida pelos orientais e apresenta maior precisão quanto ao significado. Cada símbolo denota uma palavra específica. Atualmente, pode se citar como exemplo o Chinês moderno e o Kanji utilizado no Japão.
- Escrita alfabética- por volta de 1500 a.C, os fenícios começaram a converter a escrita logográfica para um sistema silábico baseado nos sons. Em torno de 1000 a.C, os gregos tomaram o sistema de escrita silábica dos fenícios e o adaptaram para um caractere representando cada som de consoante e vogal da língua grega. Todos os alfabetos modernos descendem da versão grega.

A dislexia afeta de inúmeras maneiras a prática da escrita. Neste trabalho, tento expor de maneira objetiva as incidências mais comuns de

inadequações formais presentes nos textos de alunos disléxicos. Peço desculpas por não poder anexar os textos analisados, por questão de respeito aos direitos autorais não foi possível publicá-los.

Ao pesquisar sobre o tema e analisar diversos textos de alunos diagnosticados com dislexia, nota-se que existem características próprias desse distúrbio presentes com bastante frequência. Tais características também podem aparecer em textos de alunos normais, porém com menor incidência.

Uma das manifestações mais frequentes na escrita dislexiforme é a repetição e a omissão de sílabas, especialmente em palavras mais longas.

Ex:

Telefone- Telefone- Tefone.

No caso das palavras, também é comum que haja repetição e omissão. Também é frequente que o aluno disléxico emende palavras ou use o espaço de forma inadequada.

Ex:

A menina foi para para minha casa.

A menina foi minha casa.

A menina foi para minhacasa.

O disléxico também apresenta uma intensa dificuldade em reconhecer/ reproduzir o uso correto de dígrafos, encontros consonantais, ditongos e nasalizações em geral.

Ex:

Trabalho- Trabalo- Tabalo

Apaixonado- Apaxonado

Errado- Erado

Cantando- Cantado- Catado

Andar- Amdar- Adar.

Na ortografia, é comum que haja confusão entre grafemas que representam um mesmo fonema, por exemplo <S>,< X> e < Z>; <G> e <J>, entre outros.

Ex:

Exagerado- Ezagerado- Esagerado- Exajerado- Ezajerado- Esajerado

Outro ponto relacionado ao distúrbio é a não diferenciação entre oralidade e escrita, ou seja, o disléxico escreve como fala e sente dificuldade em reconhecer e reproduzir as estruturas formais do texto. Os sinais gráficos de pontuação costumam ser ignorados ou mal utilizados, não há correta divisão paragrafada e, quando existem parágrafos, eles são construídos aleatoriamente.

Tanto a regência quanto a concordância são grandes desafios para escritores que possuem dislexia. Embora as regras de concordância nominal sejam relativamente fáceis de memorizar, a concordância verbal, ao apresentar grafias diferentes para sons semelhantes, pode ser problemática para os disléxicos. Já a regência, por não depender apenas de regras pré-estabelecidas, e sim do uso, torna-se um desafio.

Devido à falta de pontuação, é comum que haja períodos longuíssimos, fazendo da distância entre o sujeito e o verbo fator preponderante para a alta

incidência de erros de concordância. Isso pode conduzir a construções sintáticas em que as funções de sujeito e objeto não fiquem claras.

O uso de conectores é outro problema. As conjunções e preposições exigem um grau de domínio elevado da linguagem, geralmente, o disléxico é capaz de reconhecer, porém, se confunde ao reproduzir tais mecanismos linguísticos. O mau uso de conectores se torna um fator importante para agravar problemas de coesão, problemas esses frequentes na escrita dislexiforme.

A dificuldade com a pontuação, regência e a desorganização das ideias geram períodos truncados, o que prejudica a coerência textual. Frequentemente o escritor se perde nos seus pensamentos e com isso, vários tópicos textuais acabam sendo esquecidos ao longo do texto, dificultando ou até mesmo impossibilitando a compreensão.

O uso de textos motivadores para contextualização do tema, embora seja uma excelente estratégia para leitores normais, prejudica no caso dos disléxicos. Nesse caso, a atividade escrita já se inicia em situação de tensão e de cansaço. Tais fatores causam desvios na escrita, tanto de ordem ortográfica, quanto espacial, quanto sintática.

A dislexia se desenvolve muito próximo ao setor cerebral responsável pela psicomotricidade, que também acaba sendo afetado. Dessa forma, as margens e espaçamentos de parágrafo podem tornar-se irregulares. A mancha gráfica costuma ser confusa e desorganizada, podendo haver linhas em branco ou pela metade sem qualquer explicação.

Outra característica bastante recorrente em textos dislexiformes é o número de linhas. O autor disléxico costuma escrever bem menos do que outros autores da mesma faixa etária.

Não reconhecer que um autor disléxico possui dificuldades específicas é cometer um grande ato de injustiça em sala de aula. Como já foi citado anteriormente, a dislexia é um dos grandes fatores responsáveis pela evasão escolar, e o professor deve ser cuidadoso ao lidar com o problema. No capítulo quatro, apresento sugestões práticas para amenizar os sintomas e, acima de



tudo, resgatar o potencial desses alunos que, apesar de diferentes, são plenamente capazes.

## IV. Intervenções

Após a leitura dos capítulos anteriores, fica comprovado que a dislexia existe, está presente em grande porcentagem da população e merece atenção e cuidados especiais para que seja amenizada e não se transforme em problemas ainda maiores. Tal distúrbio independe de fatores culturais, sociais, filosóficos, tendo em sua origem fatores genéticos, acidentes ou outras situações diversas.

No Brasil, a preocupação com a educação ainda é primária e imatura. Enquanto nos países europeus já existem medidas terapêuticas específicas que efetivamente colaboram no tratamento da dislexia, percebe-se que em nosso país o foco ainda se concentra na educação de massa e na erradicação do analfabetismo.

No entanto, já se pode notar um significativo aumento no interesse dos fonoaudiólogos e psicopedagogos, que cada vez mais buscam especialização nesta área. Apesar de ainda não ser satisfatório, não se pode negar que é um passo importante para o reconhecimento do problema.

Outro setor que vem demonstrado interesse em ajudar com o problema é a informática. A tecnologia se faz presente no desenvolvimento de softwares que visam avaliar a criança, detectando o problema e a intensidade dele. No Brasil, os instrumentos mais utilizados para tal fim são:

- Teste de Competência de Leitura de Palavras (CAPOVILLA, VIGGIANO, CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURICIO, & BIDÁ, 2004); avalia a habilidade da criança em ler palavras isoladas,

- Teste de Competência de Leitura de Sentenças (CAPOVILLA, VIGGIANO, CAPOVILLA, RAPHAEL, BIDÁ, NEVES, & MAURICIO, 2005); avalia a habilidade da criança em ler palavras inseridas em contextos maiores, como frases, períodos e orações.

- Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 1998, 2000): avalia a habilidade das crianças de manipular sons da fala, expressando oralmente o resultado dessa manipulação.

- Prova de Consciência Sintática (CAPOVILLA, SOARES & CAPOVILLA, 2004): avalia as habilidades de julgamento gramatical, correção gramatical, correção gramatical de frases agramaticais e assemânticas e de categorização de palavras.

- Teste de Vocabulário por Imagens Peabody (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 1997): avalia as habilidades de compreensão de vocabulário, de crianças entre 2 anos e 6 meses até 18 anos de idade.

- Lista de Avaliação de Vocabulário Expressivo (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 1997): avalia vocabulário expressivo, isto é quais palavras uma criança fala, destinada a crianças a partir de 2 anos de idade, com o objetivo de avaliar atraso de linguagem.

Detectado o problema e o tipo de dislexia em questão, é necessário que se inicie um tratamento específico para auxiliar o disléxico a desenvolver suas habilidades relacionadas a fonologia, ortografia e compreensão de textos.

Em um artigo publicado no *site* da AND (Associação Brasileira de Dislexia), Moojen (2006) ressalta o papel do psicopedagogo e do fonoaudiólogo, deixando clara a necessidade de se identificar o tipo de dislexia (fonológica, lexical ou mista) para a correta intervenção.

Sabendo que a principal característica dos disléxicos é a dificuldade da relação fonema e grafema, é importante que se conheçam os dois métodos mais utilizados para tratar esses déficits: o método fônico e o método multisensorial.

**Método Fônico-** Indicado para crianças mais jovens, deve ser introduzido logo no início da alfabetização. Consiste em desenvolver a consciência fonológica e grafofonêmica para aperfeiçoar a rota sublexical de

leitura. Tal método diminui a incidência de problemas na leitura e escrita e pode ser aplicado em idade pré-escolar para evitar possíveis problemas mais graves.

**Método Multisensorial-** Aconselhado para auxiliar crianças mais velhas e com histórico de fracasso escolar. Consiste em combinar diversas modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita. Tal método estabelece uma conexão entre aspectos visuais, auditivos e cinestésicos. Briant & Bradley (1987), Maria Montessori, Samuel Orton e Grace Fernald foram os precursores deste método e defendiam um elo íntimo entre aprender a ler e escrever, pois acreditavam que as crianças aprendem melhor ativamente. O traçar das letras (ortografia), a pronúncia da palavra (fonologia) e visualização da imagem no papel devem ser praticados e repetidos inúmeras vezes, até que a palavra seja aprendida.

O próximo e não menos importante passo seria que as constatações desses profissionais atingissem o contexto da sala de aula, ou seja, que os professores, responsáveis diretos pela alfabetização/ formação escolar de alunos disléxicos, saibam lidar corretamente com as especificidades de cada caso. Convém que o educador conheça o seu aluno, o incentive e o preserve, respeitando suas dificuldades e diferenças.

#### **4.1 O disléxico no contexto escolar**

Com base nos *sites* das associações de disléxicos é possível sugerir algumas orientações para melhor tratar alunos disléxicos. Atitudes sugeridas ao professor:

- Transmitir ao disléxico que seu diferencial em aprendizagem é conhecido e que será feito o máximo para ajudá-lo.

- Dar uma atenção especial, deixando-o confortável para que esclareça suas dúvidas. Recomenda-se que ele sente-se à frente, próximo ao professor.
- Respeitar os limites de leitura, não exigir um nível de leitura igual a seus colegas.
- Destacar os pontos positivos e nunca exigir que refaça o trabalho escrito pelo fato de conter erros de ortografia ou sintaxe.
- Evitar que tenha que ler em público; se isto for impossível, ele deve levar o material para casa para que se prepare antes.
- Aceitar que um nível de distração maior que seus colegas durante a leitura, devido ao extremo esforço que tem que fazer para acompanhar a leitura.
- Nunca ridicularizar ou discriminá-lo por suas dificuldades.
- Diminuir as atividades extraclases envolvendo leitura e escrita.
- Evitar textos longos, usando materiais que permitam a visualização de ilustrações e figuras.
- Permitir, se necessário, recursos tecnológicos como, por exemplo, gravadores, calculadoras, e outros meios informáticos tais como corretores, dicionários e leitores.
- Ensinar a fazer resumos, sintetizando os conteúdos das explicações.
- Verificar discretamente se o aluno copiou adequadamente da lousa.

Atitudes sugeridas para avaliação escolar:

- Realizar, sempre que possível, avaliações orais.
- Prever tempo extra para realização de testes escritos.
- Valorizar o conteúdo sobre a estética em trabalhos manuscritos.
- Aceitar trabalhos feitos com auxílio de editores de textos.
- Privilegiar atividades práticas, tais como trabalhos variados, pesquisas, estudos, laboratórios, seja em grupo ou individual.
- Observar comportamentos e atitudes identificados nos objetivos da escola tais como responsabilidade, disciplina, respeito, ética, etc.
- Ler as questões oralmente antes do início da prova, certificando-se da compreensão das mesmas.

Na prática, sabe-se que tais atitudes ainda não atingiram significativamente as salas de aula do Brasil. Criticar, repensar e modificar a prática pedagógica são atitudes necessárias para promover o verdadeiro papel da escola, que é compartilhar e construir conhecimento, cultura, cidadania e inclusão.

O dislético apesar das dificuldades e impossibilidades que a própria escola lhe impõe, em muitos casos não perde a vontade de aprender. Embora a dislexia esteja frequentemente ligada à evasão e ao fracasso escolar, o dislético, com muito esforço, dedicação e uma orientação correta, pode ser capaz de superar as adversidades, obtendo êxito escolar e alcançando boas universidades.

## V. Pesquisa de Campo

A pesquisa tornou-se demasiadamente limitada por conta do choque de calendário entre a Universidade de Brasília e as escolas do Distrito Federal. Por conta da última greve, grande parte do semestre letivo da Universidade ocorreu durante as férias escolares, dificultando a coleta de dados.

Como já mencionado na parte introdutória deste trabalho, além das leituras, pesquisas e análises de texto, foram aplicados questionários para verificar se os professores estão preparados para lidar com as dificuldades específicas de alunos disléxicos em sala de aula.

Para a verificação de tal dado, foram elaboradas perguntas simples e objetivas, reproduzidas abaixo:

**Questão 01-** Você já teve algum aluno diagnosticado como disléxico?

100% das respostas foram positivas, comprovando o alto índice do distúrbio.

**Questão 02-** Você já indicou algum aluno para diagnóstico de dislexia?

100% das respostas foram negativas, comprovando que o professor ainda não se sente responsável, e mesmo que haja suspeita, ele prefere não interferir.

**Questão 03-** Se sim, qual foi a reação dos pais?

Como todas as respostas anteriores foram negativas, não foi possível obter este dado.

**Questão 04-** Quais são as adaptações pedagógicas que você indicaria para um aluno disléxico?

Como esta pergunta é mais subjetiva, a análise foi individual. Primeiramente, vou reproduzir as respostas na íntegra, e depois avaliá-las.

**Sujeito 01- Professora do 6º ano, Ensino Fundamental, no Centro de Ensino 08, Taguatinga:**

“Indicaria maior carga de leitura, reprodução da escrita, atividades orais como exercícios, avaliações, entre outros.”

**Sujeito 02- Professora do 8º e 9º anos, Ensino Fundamental, no Centro de Ensino 619, Samambaia Norte.**

“Interessar-se genuinamente pelo aluno disléxico e pelas suas dificuldades e especificidades e deixar que ele perceba esse interesse, para que se sinta confortável para pedir ajuda; Na sala de aula, posicionar o aluno disléxico perto do professor, para receber ajuda facilmente; Repetir as novas informações e verificar se foram compreendidas; Dar o tempo suficiente para o trabalho ser organizado e concluído; Ensinar métodos e práticas de estudo; Encorajar as práticas da sequência de ver/observar, depois tapar, depois escrever e depois verificar, utilizando a memória; Ensinar as regras ortográficas; Utilizar mnemônicas; Incentivar o uso do computador como ferramenta de digitação de texto; Incentivar o uso do corrector ortográfico de um processamento de texto; Permitir a apresentação de trabalhos de forma criativa, variada e diferente: gráficos, diagramas, processamento de texto, vídeo, áudio, etc; Criar e enfatizar rotina para ajudar o aluno disléxico adquirir um sentido de organização; Elogiar ,de forma verdadeira, o que aluno disléxico fizer ou disser bem, dando-lhe a oportunidade de “brilhar”; Incentivar a participação em trabalhos práticos; Nunca partir do pressuposto que o aluno disléxico é preguiçoso ou descuidado; Nunca fazer comparações com o resto da turma; Não pedir ao aluno disléxico para ler em voz alta na sala de aula;



Não corrigir todos os seus erros (evitar o uso da cor vermelha, para não ser tão evidente os seus erros); Não insistir na reformulação, a menos que exista um propósito claro.”

**Sujeito 03- Professora de 2° e 3° anos, Ensino Médio, no Colégio Ideal, Taguatinga.**

“Ensino mais direcionado. Aulas mais específicas e direcionadas aos alunos disléxicos.”

A partir das respostas da questão 03, percebe-se que há reconhecimento do problema. Os professores conhecem o distúrbio, sabem que ele necessita de cuidados especiais, mas nem sempre sabem quais são as medidas apropriadas.

As respostas dos sujeitos 01 e 03 são extremamente genéricas, apesar de fazerem um certo sentido, nota-se que não há embasamento científico para uma intervenção efetiva. Nesse caso, percebe-se que há vontade de ajudar, porém, a formação profissional não dá suporte a isso.

Já o sujeito número 02 foi bastante correto em sua manifestação. Todas as suas intervenções são corretas e recomendadas, demonstrando interesse, embasamento científico e precisão na sua postura como educador.

**Questão 05-** Sua escola realiza alguma adaptação para esses alunos? Quais?

**Sujeito 01-**

“ Sim. Redução do conteúdo, priorizando os mais significativos. As avaliações são mais curtas.”

**Sujeito 02-**

“Infelizmente, as escolas públicas não tem tanto recurso como deveriam, mas a Gestão pedagógica está ciente de cada caso e procura fazer o melhor com os alunos que tem dislexia.”

**Sujeito 03-**

“Sim. Os alunos que possuem sintomas de dislexia são indicados a um médico (neurologista). Os alunos que já possuem o laudo fazem prova separadamente”

O sujeito número 01 mencionou em sua resposta a redução do conteúdo e das avaliações. Tal medida, apesar de ser indicada, nem sempre é possível, já que o disléxico frequenta salas de aula comuns e, na maioria das vezes, responde as mesmas provas, com tempo adicional.

Já o sujeito número 02 reforça a falta de estrutura e informação, motivo pelo qual é tão complicado trabalhar com alunos especiais. Ao afirmar que a gestão pedagógica se encarrega de buscar “o melhor” para seus alunos, não se pode dizer se a atitude tomada é realmente adequada, já que ela não foi exposta.

No caso do terceiro entrevistado, a providência tomada é o encaminhamento para laudo, mas não se sabe quem é o responsável pela indicação. Descarta-se a figura do professor, já que o próprio afirmou não fazê-lo. Já no caso dos diagnosticados, a providência é correta e efetiva, já que tirar o aluno de sala e colocá-lo num ambiente seguro diminui o nível de ansiedade, evitando comparações com o resto da turma.

**Questão 06-** Como se processa a correção diferenciada de textos de alunos disléxicos?

**Sujeito 01-**

“Trabalhando mais a oralidade”

**Sujeito 02-**

“Algumas já citadas anteriormente: Nunca fazer comparações com o resto da turma; Não corrigir todos os seus erros (evitar o uso da cor vermelha, para não ser tão evidente os seus erros).”

**Sujeito 03-**

“Não há.”

Trabalhar a oralidade é sempre um bom recurso com alunos disléxicos, portanto, se existe a possibilidade de adaptar as avaliações, esta é uma intervenção aconselhada.

O sujeito número 02 demonstra uma intensa preocupação em preservar o aluno especial, uma atitude extremamente positiva pra quem é frequentemente exposto a críticas, preconceitos e humilhações.

Já o último entrevistado não toma nenhuma atitude específica, avaliando-o como todos os outros e prejudicando-o com relação a notas e autoestima.

**Questão 07-** A existência de um laudo de dislexia gera alguma adaptação na avaliação final (aprovação/ reprovação) do aluno?

**Sujeito 01-**

“Não”

**Sujeito 02-**

“Com certeza, quando diagnosticado, é melhor para tratarmos não com diferença o aluno, mas adaptá-lo a suas reais condições, dando maior atenção e fazendo com que seu progresso seja visto a cada avaliação.”

**Sujeito 03-**

“Não”

Os sujeitos 01 e 03 não oferecem adaptações na avaliação final, o que provavelmente resulta numa série de reprovações desnecessárias. A reprovação, no caso de alunos especiais, apenas serve para desestimulá-lo ainda mais. O professor deve estar consciente de que o aluno disléxico não possui condições para ser comparado com o padrão normal e, baseando-se nisso, buscar uma evolução em relação ao próprio aluno, estimulando-o e não o traumatizando.

O sujeito número 02, mais uma vez, demonstra um conhecimento mais apurado, tomando uma atitude mais correta e indicada.

**Questão 08-** Em sua formação, você se lembra de ter tido orientação para lidar com alunos especiais?

**Sujeito 01-**

“Não. O professor tem muita dificuldade em trabalhar, pois falta preparação, acompanhamento e materiais específicos.”

**Sujeito 02-**

“Não, o que não me impediu de pesquisar por conta própria, já que é um assunto bastante presente na minha rotina”

**Sujeito 03-**

“Não, mas a coordenação da escola em que trabalho atualmente costuma passar instruções para os professores”

Para fechar a pesquisa, mais uma questão com 100% de acordo entre os entrevistados. O interessante dessa última pergunta é notar como a falta de orientação afeta cada um dos contextos.

No primeiro caso, não houve preparo, orientação e suporte, justificando as dificuldades do trabalho.

Já no segundo caso, a formação acadêmica também foi deficiente, o que não impediu que fosse realizado um estudo paralelo para se adaptar a uma realidade, e trabalha-la da melhor forma possível.

No terceiro, existe um suporte da coordenação, mas o próprio professor se torna dependente de informações terceiras, nem sempre sabendo o por quê de cada atitude.

Com a aplicação dos questionários foi possível confirmar a tese de que ainda há muito a ser feito para garantir uma educação de qualidade para alunos que possuem dislexia. Embora o nome do distúrbio seja comum e amplamente conhecido, seus sintomas, suas manifestações práticas e principalmente, as medidas adequadas para tratá-lo ainda não são de conhecimento da grande massa responsável pela educação das crianças e jovens desse país.

## Considerações finais

Ao desenvolver este trabalho, tive dificuldades para encontrar material de pesquisa nas livrarias. Na internet, as informações existem, mas nem sempre podem ser adotadas como verdadeiras, dificultando o processo de pesquisa. De fato, a informação está sendo gradativamente construída, mas por diversos motivos, ainda não consegue chegar de maneira satisfatória ao público-leitor.

Embora a tendência seja melhorar, muito ainda há de ser feito para reverter o quadro de injustiças enfrentado por alunos disléxicos. Atualmente, o discurso a favor da inclusão e da suposta igualdade garantida via constituição, vem mobilizando diversos grupos, e os direitos humanos estão cada vez mais sendo protegidos.

A questão ainda é perceber essa diferença. É muito fácil para uma escola notar que um aluno paraplégico não é capaz de subir sozinho uma escada e assim, providenciar uma rampa ou construir elevadores. Alunos surdos ganharam apoio legal, agora todos os cursos de licenciatura são obrigados a oferecer um curso de LIBRAS. No caso dos disléxicos, não existe externalização óbvia do distúrbio, mapeamento cerebral e genético não são perceptíveis e nem visíveis a olho nu.

Assim como a informação, o diagnóstico de dislexia também não é amplamente acessível. Todos sabem das dificuldades do brasileiro em relação à saúde pública, e no caso de ser particular, os altos valores excluem grande parte da população.

Além dos fatores despreparo educacional e dificuldades de diagnóstico, soma-se também a postura adotada pelos pais e responsáveis, que em grande parte dos casos, não sabem como lidar com o problema. Muitos negam a condição do disléxico e o cobram excessivamente, outros desistem e o julgam incapaz, poucos, de fato, reconhecem o problema, apoiam e protegem suas crianças, preservando seu lado emocional.

É nesse quadro de diagnóstico elitista, despreparo profissional e falta de incentivos, até mesmo dentro da própria casa, que sobrevivem os disléxicos. A sociedade precisa se organizar para que em conjunto, seja possível garantir uma educação mais justa e menos conteudista, mais humana e menos capitalista, afinal, todos deveriam ter os mesmos direitos e oportunidades para progredir.

Faltam políticas educacionais, faltam médicos preparados e acessíveis, falta informação. Eu, sinceramente, espero, sabendo que ainda terei um longo caminho de preparação, estudo e pesquisa, auxiliar na divulgação e no esclarecimento de mitos e dúvidas que envolvem a dislexia, e de tal forma, ajudar a reverter a situação precária da educação especial no Brasil.

“O conhecimento nos faz responsáveis.”

Che Guevara

## Referências

**Associação Brasileira de Dislexia.** Site da Associação Brasileira de Dislexia. São Paulo. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: novembro de 2006.

**Associação Nacional de Dislexia.** Site da Associação Nacional de Dislexia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br>. Acesso em: novembro de 2012.

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C. **O desenvolvimento da consciência fonológica durante a alfabetização.** Temas sobre Desenvolvimento, 6(36), 15-21, 1997. 88

ROTTA, N.T.; PEDROSO, F.S. Transtorno da Linguagem escrita-dislexia. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da Aprendizagem-Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, p. 151-164, 2006.

SANCHEZ, E. Estratégias de Intervenção nos problemas de leitura - in COLL, PALACIOS, MARCHESI (Org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995 .

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C. **Prova de Consciência Fonológica: desenvolvimento de dez habilidades da pré-escola à segunda série.** Temas sobre Desenvolvimento, 7(37), 14-20, 1998.

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico.** 3a. ed. São Paulo, SP: Memnon, Fapesp, 2004.

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C. **Problemas de leitura e escrita: Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica.** 2a. ed. São Paulo, SP: Memnon, Edipusp, Fapesp, 2003.

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C.. **Alfabetização fônica: construindo competência de leitura e escrita.** 2a. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.

CAPOVILLA, A. G. S., SOARES, J. V. T., & CAPOVILLA, F. C. **Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita.** PsicoUSF, p.39-47, 2004.

CAPOVILLA, A.G.S. **Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção.** Site da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/59.htm>. Acesso em: novembro de 2012.

FRANÇA, M.P. **Estudo longitudinal da relação entre aquisição fonológica e alterações de escrita.** 2003. Dissertação (Mestrado)- UFRGS. Porto Alegre.



MOOJEN, S. **O papel do fonoaudiólogo/psicopedagogo e da escola na dislexia.** Associação Nacional de Dislexia. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br/artigo-AND-3.doc>. Acesso em: novembro de 2012.

MOOJEN, S.; COSTA, A.C. Semiologia psicopedagógica. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da Aprendizagem-Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, p. 103-112, 2006

MOOJEN, S.; FRANÇA, M. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da Aprendizagem-Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, p. 165-180, 2006

MYKLESBUST, H.M. **Distúrbios de aprendizagem: princípios e práticas educacionais.** Tradução de Marília Zanella Sanvincente. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

NICO, M.A.N. et. al. Levantamento do desempenho das crianças, jovens e adultos disléxicos na avaliação multidisciplinar. In: **Dislexia: cérebro, cognição e aprendizagem.** São Paulo: Frontis, p.17-26, 2000. 90

SHAYWITZ, B.A. et. Al. **Sex differences in the functional organization of the brain for language.** Nature, v. 373, p. 607-679, 1995.